

A construção da coesão na textualidade do resumo de artigo acadêmico

Antonio Flávio Ferreira de Oliveira – UFERSA¹

Resumo: Neste trabalho, investigamos o fenômeno da coesão na construção da textualidade do resumo de artigo acadêmico. Teoricamente, foram abordados pressupostos de Bakhtin (2011); Halliday e Hassan (1976); Beaugrande e Dressler (1981); Marcuschi (2008), Geraldi (1997), Koch (2014, 2016), Antunes (2017), dentre outros. Metodologicamente, a pesquisa é de cunho qualitativo-interpretativista, e o *corpus* é composto por três resumos de artigos acadêmicos. Como resultado, constatamos que, na ou para a construção da textualidade, a coesão opera propiciando um meio de arranjar, na superfície do texto, as escolhas gramático-lexicais, bem como os acontecimentos sociais refletidos e refratados nas dependências das combinações estruturais. Ademais, estabelece o *modus operandi* de tecer as construções sintagmáticas e paradigmáticas, em relação à construção de pontos de vista materializada nas fronteiras do texto.

Palavras-chave: Textualidade. Coesão. Resumo de artigo acadêmico.

The cohesion construction of textuality in academic article abstract

Abstract: In this work, we investigated the phenomenon of cohesion in the textuality of abstracts of academic articles. Theoretically, we used the assumptions of Bakhtin (2011); Halliday and Hassan (1976); Beaugrande and Dressler (1981); Marcuschi (2008), Geraldi (1997), Koch (2014, 2016), Antunes (2017), among others. Methodologically, the research is qualitative-interpretative and the *corpus* is composed by three academic abstracts. As a result, we found that, in or for the construction of textuality, cohesion operates providing a means of arranging, on the surface of the text, the grammatical-lexical choices, as well as the social events reflected and refracted in the dependencies of the structural combinations. Besides, it establishes the *modus operandi* of weaving the syntagmatic and paradigmatic construction in relation to the construction of points of view materialized in the borders of the text.

Keywords: Textuality. Cohesion. Academic article abstract.

Introdução

A universidade constitui um campo da atividade humana, no qual, para os sujeitos se comunicarem nas modalidades oral e escrita, em razão da expressão e

¹ Doutor e Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba. Professor da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, no Departamento de Ciências Sociais Aplicadas e Humanas, do Centro Multidisciplinar de Pau dos Ferros – RN.
antonio.flavio@ufersa.edu.br

manifestação de seus pontos de vista, é preciso um conhecimento eficaz no tocante à variedade linguística pertinente, bem como à concepção de adequação gramatical à que se faz jus na comunicação científica. Não porque essa possibilidade de variação estilística seja a de maior prestígio ou a de maior relevância em detrimento das outras. Mas porque que é de vital importância para a organização da comunicação científica, visto que são as demandas discursivas dessa esfera que estabelecem critérios de normatização gramatical e técnica.

Escrever, na academia, significa levar em consideração um processo que envolve várias etapas; principalmente, no que diz respeito ao planejamento de um projeto, às etapas da escrita em processo, à reescrita, até chegar à publicação propriamente dita. Por isso, o produto final da escrita acadêmica é perpassado por etapas nas quais o sujeito não apenas enfatiza os elementos da lógica do pensamento, mas também a materialização racional desse pensamento no texto. Dessa maneira, para o texto ganhar um formato razoável no que concerne à adequação a um determinado gênero e ao modo de orientação de um tipo textual, o autor deve mobilizar conhecimentos relativos à língua, ao mundo, ao texto e ao gênero em que se pretende escrever.

Nesse caso, não é prerrogativa do aluno-escritor apenas o conhecimento do que é chamado norma culta, bem como o domínio da modalidade gramatical de prestígio. Para ganhar o *status* de um “bom escritor”, é preciso exercer a prática de um conjunto de conhecimentos cujas características essenciais demandam o domínio das competências linguísticas, discursivas, cognitivas, estéticas etc. Além disso, deve haver a mobilização do domínio de conteúdos temáticos de determinada área do saber, pelo fato de que isso produz efeitos diretamente na aplicação desse conhecimento na temática específica sobre a qual se pretende escrever.

Em razão disto, nesta pesquisa, objetiva-se investigar o fenômeno da construção da coesão no plano da textualidade de resumos de artigos acadêmicos; principalmente, verificando o diálogo entre os constituintes linguísticos, as influências discursivas, os elementos cognitivos e as técnicas normativas. Assim, para atingir essa finalidade, foram formuladas as seguintes perguntas exploratórias: o que é a coesão em resumo de artigo científico? Como a coesão é ou pode ser construída na textualidade do resumo de artigo científico? Que problemas podem ser identificados na realização desse processo?

Em decorrência disto, para fundamentar esta pesquisa, foram mobilizados os

seguintes pontos de vista teóricos: o conceito de gênero do discurso, oriundo da filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin, em especial Bakhtin (2011); a percepção de coesão postulada por Halliday e Hassan (1976); os fatores de textualidade, preconizados por Beaugrande e Dressler (1981); a relação conceitual entre texto, textualidade e gênero, pensada por Marcuschi (2008), Geraldi (1997), Koch (2014, 2016), Antunes (2017); e a concepção de texto/gênero na esfera acadêmica, pelos pontos de vista de Cerutti-Rizzatti e Zandomenego (2011), Bezerra e Lêdo (2019).

Metodologicamente, a pesquisa é qualitativa de cunho interpretativista, por ter o fito de observar, transcrever, interpretar e explicar os conceitos teóricos e verificar sua aplicação/funcionalidade nos fatos advindos da produção de resumos. Ademais, asseveramos que o *corpus* é constituído de três resumos de artigos acadêmicos. O primeiro é de autoria de Pedro Farias Francelino, publicado na Revista Moara, no ano de 2011. O segundo foi escrito por Antonio Flávio Ferreira de Oliveira, Ilderlândio Assis de Andrade Nascimento e Maria do Socorro Pereira da Silva, publicado na Revista Horizontes, em 2020. O último pertence a Ilderlândio Assis de Andrade Nascimento, publicado na Revista Bakhtiniana, em 2021. O procedimento adotado para a análise cumpriu-se em observar a construção da progressão temática, os modos como foram conectados, linguístico-discursivamente, as informações e os mecanismos de coesão estabelecidos para ligar as ideias no texto.

Ainda cabe dizer que este trabalho, além desta introdução, está organizado em mais três seções. Uma contendo o referencial teórico que fundamenta a pesquisa. Outra que apresenta a verificação do fenômeno da coesão no gênero selecionado para a análise. A última, em que foram tecidas as considerações finais e apresentadas as conclusões da pesquisa.

1 Gênero acadêmico, textualidade e coesão

Os gêneros do discurso, como postula Bakhtin (2011), constituem o modo de organização social e semiótico do dizer humano. Para tanto, sua atuação e realização se dão mediante as exigências das esferas da atividade humana, ou seja, dos lugares sociais onde as pessoas interagem para se comunicarem e realizarem múltiplas tarefas a partir da linguagem. De modo particular, como entendeu esse filósofo, dizem respeito aos “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2011, p. 261), cuja

composição se dá pela integração de estilo (concernente à gramática e ao léxico), tema (acontecimentos sociais) e construção composicional (modo de organização textual que incorpora, indissociavelmente, tema e estilo).

Uma vez que os gêneros do discurso compreendem a exigência essencial para a realização da comunicação humana, ao utilizá-los, os sujeitos demonstram um conhecimento que inclui não apenas os elementos da língua, tal qual a competência gramatical, mas também a variedade linguística, o auditório para quem escreve, o propósito da comunicação, os fatores da textualidade etc. Sendo assim, através desse conjunto linguístico-discursivo-cognitivo, é possível concretizar a atividade comunicativa levando em conta sua especificidade, que é dizer, de modo adequado, em um lugar específico, para um público específico.

Para Marcuschi (2008), o que ele chamou de gêneros textuais corresponde a uma forma de organização flexível que tem como função arranjar o texto, de modo que estabeleça uma atividade sistêmica que se atualiza pela discursividade da língua. Apesar de este autor chamar a atenção para o enfoque do texto, apontando-o para um construto de evento linguístico-cognitivo-discursivo, podemos perceber, em seu ponto de vista, uma semelhança com o olhar bakhtiniano; sobretudo, por levar em consideração a forma de organização cuja origem é devida à diversidade de esferas sociais. Além disso, também pode ser salientada a flexibilidade que demonstra, mais uma vez, a adequação não apenas entre a variedade nos lugares sociais, mas também seu modo de ser em razão do tempo e do espaço.

Quando destacamos o enfoque textual na perspectiva apresentada por Marcuschi, percebemos que um dos elementos centrais é a construção da textualidade, em que se priorizam os aspectos da sintaxe, da semântica e da pragmática. Em outras palavras, isso se afina com a compreensão de texto na ótica de Beaugrande e Dressler (1981); especialmente, por levar em conta o cruzamento da língua com a cognição e com os fatos sociais. Como defendeu Marcuschi (2008), o processo de construção textual atende à tessitura linguística perpassada no plano da enunciação. Desse modo, pensar o gênero textual significa atentar para uma construção em que forma e função são integradas para compor a estrutura de um tecido em razão do plano de uma enunciação.

Dentro dessa particularidade conceitual de gênero textual/discursivo, podemos destacar a ideia de gênero acadêmico; especialmente, como um modo de organização

social e semiótica do dizer humano na esfera da universidade. Para tanto, esse conceito remete a uma prática textual-discursiva em que se organizam a criação e a manifestação estética do dizer do aluno na universidade. Como propõem Baltar, Cerutti-Rizzatti e Zandomenego (2011), são o domínio e o conhecimento do gênero que proporcionam ao aluno a participação plena nas práticas de escrita acadêmica. Observando isso no ponto de vista de Bezerra e Lêdo (2019), concebemos que a imersão do aluno na prática da escrita universitária contribui para o alcance de competências que se estendem para além do apenas conhecimento de gramática, conduzindo-o para um processo de letramento em que se tenham em vista os aspectos linguísticos, cognitivos e socioculturais.

Levando em consideração que o conceito de gênero aponta para componentes que ultrapassam aquilo que Marcuschi (2008) chamou de elementos cotextuais, isto é, aqueles que constituem a composição linguística do texto, para compreender como funciona a escrita de texto, é preciso focar nos fatores de construção da textualidade. Segundo Beaugrande e Dressler (1981), esse modo de composição estabelece as condições de criação do texto, o propósito comunicativo, a relação entre escritor e leitor, a quantidade e a qualidade de informações, a dialogicidade com outros temas sociais e com outros textos e a relação sintático-semântica que governa a composição linguística e sua significação no plano de uma coletividade social.

Isso é dito para demonstrar, como postulou Bakhtin (2011), que o conceito de texto indica uma relação linguístico-discursivo-enunciativa; aquilo que, na interpretação de Geraldi (1997), corresponde a um produto da atividade discursiva num contexto de interação, ou seja, a manifestação da língua em um conjunto de formas discursivas. Além disso, podemos também considerar o que compreendeu Marcuschi (2008), para quem o texto equivale a um processo linguístico-discursivo que constitui um tecido estruturado, uma unidade significativa no plano sócio-histórico. De fato, para esse autor, o texto compreende “o resultado de uma ação linguística cujas fronteiras são em geral definidas por seu vínculo com o mundo no qual ele surge e funciona” (MARCUSCHI, 2008, p. 72).

Nesse sentido, a textualidade principia o modo de vida textual, isto é, faz dos componentes da estrutura linguística o lugar de atuação dos acontecimentos da vida; na verdade, na ótica de Marcuschi (2008), diz respeito às relações cotextuais e contextuais de um texto; especialmente, levando em conta aqueles fatores, já mencionados,

preconizados por Beugrande e Dressler (1981). Sendo assim, considerar a textualidade significa atentar para o que Marcuschi (2008, p. 88) afirmou quanto ao texto ser “a unidade máxima de funcionamento da língua” – uma unidade funcional de natureza enunciativo-discursiva.

Observando esse conceito pelo ponto de vista de Antunes (2017), pode ser entendido que não se estabelece por um conjunto aleatório de palavras, mas é esse conjunto integrado em condições básicas, no qual são satisfeitas “as exigências de uma ação de linguagem, semântica, cognitiva e socialmente relevante” (ANTUNES, 2017, p. 45). De modo pontual, essa autora conclui que a textualidade “implica que todas atividades de linguagem somente ocorrem em forma de textos; assim, tudo o que as pessoas dizem, em qualquer circunstância social, constitui um texto” (ANTUNES, 2017, p. 45).

Quanto aos sete fatores da textualidade apresentados por Beugrande e Dressler (1981), neste trabalho, intencionamos verificar apenas o fator da coesão. Sendo assim, ao interpretar o pensamento de Halliday e Hassan (1986), Koch (2014, p. 16) afirma que coesão textual compreende “um conceito semântico que se refere às relações de sentidos existentes no interior do texto e que o definem como um texto”. Ademais, a autora retoma o que os autores postuladores afirmaram ser a coesão “parte do sistema de uma língua” (KOCH, 2014, p. 16). Isso implica numa relação semântica que ocorre no interior do sistema linguístico, o que faz com que as relações de sentidos concernam “ao conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma sentença se liga com a que veio antes, aos recursos semânticos mobilizados com o propósito de criar textos” (KOCH, 2014, p. 16).

Halliday e Hasan (1976), ao pensarem a coesão, introduziram cinco mecanismos que, tal qual apresenta Koch (2014), foram classificados como:

(i) referência: que, segundo Koch (2014, p. 19), aponta para “os itens da língua que não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, mas remetem a outros itens do discurso necessários à sua interpretação”; a autora ainda afirma que esses fatores instituem a referência endofórica, a partir de uma situação e a referência textual, pelas articulações contextuais;

(ii) substituição: “colocação de um item em lugar de outros elementos do texto, ou até mesmo, de uma oração inteira” (KOCH, 2014, p. 20);

(iii) elipse: “uma substituição por zero: omite-se um item lexical, um sintagma, uma oração ou todo um enunciado, facilmente recuperáveis pelo contexto” (KOCH, 2014, p. 21);

(iv) conjunção: “permite estabelecer relações significativas específicas entre elementos ou orações do texto; assinaladas explicitamente por marcadores formais que correlacionam o que está para ser dito àquilo que já foi dito” (KOCH, 2014, p. 21);

(v) coesão lexical: “obtida por meio de dois mecanismos: a reiteração e a colocação” (KOCH, 2014, p. 22).

A mesma Koch (2016) expande a discussão dos fatores de coesão e, desta feita, demonstra seu modo de operação no texto. Para tanto, indica a relação do conhecimento linguístico com a argumentação, bem como seus possíveis usos na construção da progressão temática. Nesse sentido, no primeiro caso, a autora entende que “a gramática de uma língua possui certos elementos que têm por função indicar ou mostrar a força da argumentatividade dos enunciados, a direção ou o sentido para o qual apontam” (KOCH, 2016, p. 61) – os operadores argumentativos. Quanto ao segundo, essa estudiosa demonstra o modo de construção de raciocínio, a identificação dos argumentos, a ativação de conhecimentos, o preenchimento de lacunas; isto é, os elementos responsáveis para a construção do sentido textual. A linguista conclui que “tudo isso acontece porque o autor elege um tema ou assunto e o desenvolve, observando um equilíbrio variável entre duas exigências fundamentais: repetição (retroação) e progressão” (KOCH, 2016, p. 85).

Em suma, podemos concluir que os conceitos apresentados são fundamentais para que possamos entender o processo de construção da textualidade; sobretudo, levando em consideração a construção relacional que envolve as condições de produção, os interlocutores, a temática, a dialogicidade e o modo de construção linguístico-discursiva do texto. Assim, é possível compreender a importância do conceito de gênero discursivo, visto que, em sua constituição, estão os elementos disponíveis para se entender a organização do dizer humano a partir das exigências das esferas sociais, bem como a integração de elementos da vida nos itens de constituição linguística.

2 A construção da coesão no resumo de artigo científico

Para observar o fenômeno da coesão em resumos de artigos acadêmicos, nesta seção, apresentamos uma breve análise, em que verificamos como os autores dos textos selecionados utilizaram-se dos recursos da coesão para organizar e apresentar as informações. Desse modo, foram levados em consideração alguns aspectos importantes, como, por exemplo: a composição e distribuição dos tópicos que configuram os lugares enunciativos; ou seja, os lugares próprios para enunciar a temática e sua contextualização, os objetivos, o referencial teórico, a metodologia e os resultados; o modo como as informações foram conectadas; os elementos linguístico-discursivos que compuseram a conexão; algumas construções de sentidos estabelecidas pelo modo de conectar as ideias no texto.

Nesse sentido, uma das nossas preocupações foi compreender a construção estilística de cada enunciador. Isso posto nos deu margem para verificar não somente o modo de construção linguística, mas também o conhecimento que esses escritores têm em relação à construção composicional do gênero resumo e seus tipos textuais, bem como ao domínio das normas técnicas exigidas para a construção desse texto. Além do mais, pudemos comparar as construções estilísticas e perceber seus pontos convergentes e divergentes. Em seguida, observemos a análise feita dos três resumos:

Resumo 01: [do artigo] – Enunciação, dialogismo e autoria em enunciados midiáticos verbo-visuais, de Francelino (2011)

Uma das teses correntes na teoria da enunciação proveniente dos trabalhos do Círculo de Bakhtin é a de que a linguagem é uma instância social, histórica e ideológica, na qual e pela qual os sujeitos se constituem. Neste trabalho, fundamentado na Análise Dialógica do Discurso, de inspiração bakhtiniana, refletiremos sobre a constituição do sujeito autor a partir do uso que faz dos modos de organização do discurso de outrem no processo enunciativo, no gênero discursivo charge. A partir dessa amostra, analisamos o processo de constituição/representação do sujeito na enunciação, observando como ele se constitui um sujeito singular em um meio extremamente dialogizado, processo este que caracterizamos como autoria.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação. Discurso de outrem. Autoria.

O Resumo 01 apresenta as informações sintéticas do artigo “*Enunciação, dialogismo e autoria em enunciados midiáticos verbo-visuais*”, do autor Pedro Farias Francelino, publicado na Revista Moara, no ano de 2011. Quanto à progressão sequencial, o texto está organizado em três tópicos, a saber: (i) introdução – na qual é mostrado o conceito de linguagem na perspectiva da filosofia do Círculo de Bakhtin; (ii) fundamentação teórica – em que expõe-se a Análise Dialógica do Discurso de cunho bakhtiniano; e o objetivo do trabalho, que demonstra a investigação da reflexão da constituição do sujeito autor, a partir do uso dos modos de organização do discurso de outrem no processo enunciativo; e (iii) apresentação do objeto de estudo – que indica o fenômeno investigado, especificamente difundindo o conceito fundamental da pesquisa.

Em se tratando dos mecanismos de coesão, preconizados por Halliday e Hasan (1976), nesse resumo, pudemos identificar a seguinte disposição:

No enunciado “*Uma das teses correntes na teoria da enunciação proveniente dos trabalhos do Círculo de Bakhtin é a de que a linguagem é uma instância social, histórica e ideológica, na qual e pela qual os sujeitos se constituem*”, o autor apresenta uma das ideias fundamentais no arcabouço da filosofia de Bakhtin. Para tanto, na primeira expressão “*uma das teses*”, usa o mecanismo de coesão endofórica da catáfora; sobretudo, para antecipar, isto é, introduzir a ideia de que a linguagem é uma instância sócio-histórico-ideológica; ao mesmo tempo, causando efeito de ênfase e evitando a repetição do segundo termo destacado. Nesse mesmo enunciado, também podemos observar o uso dos termos “*na qual*” e “*pela qual*”, constituintes estes que representam a referência endofórica textual da anáfora, visto que retomam os sentidos da expressão “*linguagem é uma instância social, histórica e ideológica*”, evidenciando outro mecanismo de coesão – a substituição – e evitando uma repetição desnecessária.

Já no enunciado “*Neste trabalho, fundamentado na Análise Dialógica do Discurso, de inspiração bakhtiniana, refletiremos sobre a constituição do sujeito autor a partir do uso que faz dos modos de organização do discurso de outrem no processo enunciativo, no gênero discursivo charge*”, percebemos dois aspectos importantes na construção da coesão: (i) a referência exofórica, representada pelo termo “*Neste trabalho*”; especificamente, demonstrando a ideia de que o termo remete para algo fora do resumo, mas, ao mesmo tempo, recuperando a ideia de que está coadunado com o resumo; e (ii) a conexão justaposta a partir do verbo conjugado na primeira pessoa do plural, do futuro do presente, do indicativo, por meio da expressão “*refletiremos sobre*”

– que ratifica a ideia de adição, uma vez que, na expressão “*fundamentado na Análise Dialógica do Discurso*”, aponta para a ideia de um referencial teórico e, em “*refletiremos sobre*”, atesta a ideia da formulação do objeto da pesquisa.

No último enunciado, a saber, em “*A partir dessa amostra, analisamos o processo de constituição/representação do sujeito na enunciação, observando como ele se constitui um sujeito singular em um meio extremamente dialogizado, processo este que caracterizamos como autoria*”, verificamos a presença de três mecanismos de coesão, tais quais: (i) a construção lexical de um termo circunstancial representado por um adjunto adverbial, na expressão “*A partir dessa amostra*”; (ii) a repetição lexical feita pelo termo “*sujeito*”; e (iii) a adição de uma segunda oração no período, iniciada pelo termo “*observando como ele se constitui um sujeito singular [...]*”, confirmando a coordenação de uma adição a partir de um termo justaposto por vírgula.

Observemos, a seguir, o segundo resumo:

Resumo 02: [do artigo] - O ensino da produção de texto em perspectiva dialógica: implicações para o ensino fundamental I, de Oliveira, Nascimento e Pereira (2020)

Este trabalho investiga a prática de ensino de produção de texto em perspectiva dialógica no Ensino Fundamental I. Mobiliza a filosofia do Círculo de Bakhtin, sobretudo Bakhtin (2011), Volóchinov (2013, 2017) e pontos de vista de Antunes (2003), Koch (2006), Marcuschi (2008) etc. Metodologicamente, a pesquisa é bibliográfica e aponta para conceitos que fundamentam o ensino de produção textual. Como resultado, constatou-se que a prática de ensino-aprendizagem de escrita em perspectiva dialógica evidencia aspectos relacionados com o texto como instância material da orquestração de vozes sociais

Palavras-chave: Produção de Texto; Ensino; Perspectiva Dialógica; Ensino Fundamental I.

<https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1065/522>

O Resumo 02 trata da síntese das ideias formuladas no artigo *O ensino da produção de texto em perspectiva dialógica: implicações para o ensino fundamental I*, dos autores Antonio Flávio Ferreira de Oliveira, Ilderlândio Assis de Andrade Nascimento e Maria do Socorro Pereira da Silva; publicado na Revista Horizontes, em 2020. Nesse resumo, os autores organizaram e distribuíram as ideias a partir de cinco informações necessárias, a saber: (i) apresentação da temática; (ii) apresentação do

referencial teórico; (iii) apresentação da metodologia; (iv) apresentação dos resultados; e (v) palavras-chave.

Em (i), pode ser constatada, no termo “*este trabalho*”, a indicação da coesão referencial exofórica, sendo que o termo faz jus ao gênero de onde emana o resumo; nesse caso, o termo não é, sintaticamente, disposto como um adjunto adverbial (no caso, neste trabalho); contudo, funciona como sujeito oracional.

Em (ii), pode ser constatado o mecanismo da elipse, visto que o autor inicia a enunciação da seção apenas com o verbo “*mobiliza*”, evitando o uso de outro mecanismo – a repetição –, deixando a concordância e a adequação sintático-semântica na disposição da desinência de modo-temporal e número-pessoal “*mobil-IZA*”. Além disso, outro recuso coesivo que pode ser identificado é uso do termo “*sobretudo*”, com a finalidade enunciativa de acrescentar uma informação, demonstrando a especificação da filosofia de autores do Círculo de Bakhtin.

Em (iii), o autor apresenta a informação do aporte metodológico; para tanto, deixa marcado, linguisticamente, esse lugar retórico. Para realizar a ligação com o tópico anterior, o autor utiliza um termo circunstancial, na especificidade de um adjunto adverbial de modo/maneira, que indica também o lugar de enunciação da metodologia do trabalho.

Em (iv), pode ser observada, também, a ligação das ideias pelo uso de um termo circunstancial (*como resultado*); em particular, para indicar o fechamento da sequência enunciativa, imprimindo a ideia de uma consequência resultante dos demais tópicos do trabalho. Sendo assim, ao escolherem o termo, os autores demonstram o cuidado em realizarem, coerentemente, a formulação e o fechamento de uma sequência lógica, característica da coerção do gênero discursivo resumo, bem como garantem a continuidade de sentido refletida na disposição dos termos que iniciam cada lugar enunciativo dos componentes da pesquisa.

Em (v), pode ser apreendido que as palavras-chave foram selecionadas para, de modo sintético, estabelecer sentidos relativos: à produção de texto como um fenômeno do trabalho docente na educação básica; ao ensino como a grande área educativa de atuação do fenômeno da prática textual; à perspectiva dialógica como a vertente teórica utilizada para observar a manifestação do fenômeno da produção textual; e ao ensino fundamental I como o nível escolar em que acontece o ensino de texto previsto na pesquisa.

Observemos o terceiro o resumo, a seguir:

Resumo 03: [do artigo] – A diatribe na construção de sentidos da *Carta de Paulo aos Romanos*, de Nascimento (2021)

Neste trabalho, analisa-se a diatribe na construção de sentidos da Carta de Paulo aos Romanos, focalizando as relações dialógicas decorrentes de seu uso na construção enunciativa da carta. Para isso, o artigo dialoga com a perspectiva enunciativa da linguagem oriunda do Círculo de Bakhtin, a partir de uma abordagem qualitativa e interpretativa. A análise da carta mostra a ocorrência da diatribe materializada nos elementos linguístico-enunciativos configuradores do discurso direto retórico. Ao lançar mão desse recurso diatríbico na construção de sentidos, a carta desvela sua dialogicidade interna, o diálogo velado, o encontro de vozes, de discursos, materializando enunciativamente pontos de vista dos destinatários. Assim, conseqüentemente, a construção de sentidos se instaura sob maior ou menor influência do outro e da sua resposta antecipada.

PALAVRAS-CHAVE: Carta aos romanos; Diatribe; Construção de sentidos; Relações dialógicas.

<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/48771/35787>

O Resumo 03 é referente ao artigo *A diatribe na construção de sentidos da Carta de Paulo aos Romanos*, do autor Ilderlândio Assis de Andrade Nascimento, publicado na Revista Bakhtiniana, no ano de 2021. Nesse trabalho, o autor realiza a seguinte progressão sequencial:

(1) apresentação do objeto de estudo e do objetivo da pesquisa. Nesse sentido, podem ser destacados três recursos coesivos: (i) o uso do termo circunstancial “*neste trabalho*”, adjunto adverbial de lugar, mecanismo de coesão referencial exofórica, para indicar o lugar onde estão dispostas as ideias; (ii) o acréscimo de informação no período, por justaposição, com o uso do verbo focalizar no gerúndio (*focalizando*); (iii) o mecanismo de coesão referencial anafórica, expresso no termo “*seu uso*”, para evitar a repetição da expressão da palavra “*diatribe*” já posta no início da frase.

(2) Apresentação do referencial teórico, de modo que o autor utilizou-se do termo “*para isso*”, justamente para estabelecer conexão e continuidade de sentido com a apresentação da temática; sobretudo, apontando para a ideia de uma finalidade. Outro recurso que pode ser percebido é a substituição do termo “*trabalho*” pelo termo

“*artigo*”, conferindo relação de sinonímia e, ao mesmo tempo, evitando a repetição.

(3) No terceiro ponto da sequência, o autor chama a atenção para a informação da análise da pesquisa e, para isso, faz uso do próprio termo “*análise*”, sem usar nenhum termo adjunto. Ainda, nesse lugar de enunciação, o autor faz a repetição de dois termos: *carta* e *diatribe*. Nesse sentido, pode ser compreendido que, além da ênfase dada, os termos não dispõem de uma substituição sinonímica das palavras “*carta*” e “*diatribe*”, uma vez que são termos técnicos e, provavelmente, não disponham de uma amplitude terminológica sem perder seus sentidos de originalidade.

(4) No último momento enunciativo do corpo do texto, o autor aponta para o resultado da pesquisa, sem que deixe isso marcado linguisticamente. Dessa maneira, podemos destacar dois termos de grande relevância, “*assim*” e “*consequentemente*”. No primeiro e no segundo termos, pode ser vista a ideia de uma conclusão, ou seja, o fechamento das ideias já apresentadas, indicando também a ideia de um possível resultado.

Considerações finais

As análises mostraram que, pela coesão, pode-se pensar o modo de construção da sequência de tópicos, tendo em vista o indicador da coerção genérica e a possível autonomia autoral na escrita do resumo. Assim, esse fator de textualidade dispõe de mecanismos capazes de organizar, sintático-discursivamente, os tópicos referentes à apresentação e à contextualização do tema, do objetivo, da fundamentação teórica, metodologia e das considerações finais. Nesse sentido, constitui um meio de arranjar, na superfície do texto, as escolhas gramático-lexicais, bem como os acontecimentos sociais refletidos e refratados nas dependências das combinações estruturais.

Em decorrência disto, a coesão estabelece o *modus operandi* de tecer a construção sintagmática e paradigmática em relação à construção de pontos de vista, materializada nas fronteiras do texto. Isso aponta para a maneira particular de como o sujeito escritor exerce seu poder de escolha, bem como assevera as adequações gramaticais, normativas e estilísticas exigidas no processo de construção da textualidade. Portanto, esse dispositivo organizacional gera recursos referentes à retomada de ideias por elementos de conectivos pré e pós-postos; evita, por ausência, corte ou substituição, a repetição desnecessária de termos sintagmáticos ou, até mesmo,

de itens lexicais; proporciona a repetição intencional equivalente a um propósito comunicativo.

Nesse alinhamento, podemos concluir que, no resumo de artigo científico, a coesão constitui um mecanismo que caracteriza a escolha das informações adequadas, advindas do artigo, para ser disposto no fio textual do resumo. Ademais, institui um recurso de construção textual-discursivo-enunciativa, de cunho organizacional, para dispor e ordenar as ideias, agrupando-as em um rol de itens que, sequencialmente, se completam em sentidos. Por fim, compreende um lugar-comum proporcionador de escolhas estilísticas, isto é, um recurso pelo qual o autor de um texto confere lógica horizontal e vertical à materialização linguística das ideias.

Seguindo essa ordem de compreensão, asseveramos que, na ou para a construção da textualidade, a coesão opera gerando a organização, a disposição e a articulação das ideias; especialmente, exercendo o papel de dispositivo gerador de tessitura. De fato, o que se preconiza com esse ponto de vista é a ideia de coesão enquanto mecanismo de unificação e integração de constituintes textuais, que, de partes conectadas, constrói um tecido sintático, semântico e discursivo. Isso porque as informações oriundas dos contextos da vida são sobrepostas nas dependências do contexto da língua em razão de uma lógica organizacional.

Na esteira desse raciocínio, é possível conceber que, se o sujeito escritor, não dispor dessa consciência no processo de escrita textual, a produção textual pode não parecer coesa; isto é, conecta no que diz respeito à integração de ideias materializadas na língua. Assim, ao não operar o mecanismo de coesão de modo adequado, o escritor pode parecer maçante no seu processo de escrita; demonstrar falta de clareza e concisão pela disposição e organização das ideias; bem como confirmar um estilo deselegante e pouco produtivo no processo de estabelecer o tecido textual para a construção de sentidos.

Referências

ANTUNES, A. **Textualidade**: noções básicas e implicações pedagógicas. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Prefácio e edição francesa de Tzvetan Todorov. Introdução e tradução do Russo de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF, 2011.

BALTAR, M. A. R.; CERUTTI-RIZZATTI, M. E.; ZANDOMENEGO, D. **Leitura e produção textual acadêmica**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W.N. (1981). **Einführung in die Textlinguistik**. Tübingen: Niemeyer.

BEZERRA, B. G.; LEDO, A. C. de O. Gêneros acadêmicos e processos de letramento no ensino superior. In: PEREIRA, Regina Celi Mendes (Org.). **Escrita na universidade: panoramas e desafios na América Latina**. João Pessoa: Editora UFPB, 2019, p. 172 204.

HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. **Cohesion in English**. Londres, Longman, 1976.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. 4^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto 2014.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

MARCUSCHI, L. A. **Produção de texto, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.